

A Igreja Templo Vivo de Deus

— A eucologia do Comum da Dedicção *

II

Os cristãos não têm templo, são o Templo vivo de Deus — tal foi, em síntese, a conclusão do primeiro artigo que dediquei ao estudo do actual Comum da Dedicção do Missal Romano e em que me detive no exame do Leccionário e das Antífonas propostas para o canto. Da análise então feita resultou que esta secção encerra um rico conteúdo doutrinal, com realce para a eclesiologia, a teologia da liturgia e a teologia da igreja-edifício. No presente artigo em que se estudarão os textos propostos para a oração (eucologia) procurará verificar-se até que ponto as perspectivas de fundo são as mesmas e o conteúdo doutrinal idêntico ou se, pelo contrário, se documentam acentuações teológico-litúrgicas não coincidentes e emergências temáticas novas ou supostamente ultrapassadas.

Dividirei em duas partes o estudo da eucologia deste Comum: na primeira procurarei detectar-lhe as fontes e na segunda proceder à sua análise temática e teológica.

A/ Fontes

1. *Missal Romano de S. Pio V*

a) *Colecta «in ipsa ecclesia dedicata»*

MR S. Pio V

MR 1975, 665

Deus, qui nobis per singulos
annos hujus sancti templi
tui consecrationis
reparas diem,

Deus, qui nobis per singulos
annos hujus sancti templi
tui consecrationis
reparas diem,

Continuação da pág. 233. As notas continuam a mesma numeração.

et sacris semper mysteriis
repraesentas incolumes:
exaudi preces populi tui,
et praesta,
ut quisquis hoc templum
beneficia petiturus ingreditur,
cuncta se impetrasse laetetur.

exaudi preces populi tui,
et praesta,
ut fiat hic tibi semper
purum servitium
et nobis plena redemptio.

É no Suplemento ao Gregoriano, de S. Bento de Aniane (tradicionalmente dito «de Alcuíno»), que se encontra a fonte desta oração³⁴.

Note-se que o novo Missal reduz a oração tradicional e, sobretudo, mantendo embora a petição «introdutiva», adopta uma nova «petição principal», introduzindo, assim, como novidade temática, a teologia da Liturgia da Constituição Conciliar *Sacrossanctum Concilium* 7.

b) Collecta I «*extra ipsam ecclesiam dedicatam*»

<p>MR S. Pio V <i>Post communionem</i> Deus, qui de vivis et electis lapidibus aeternum majestati tuae praeparas habitaculum auxiliare populo tuo supplicanti, ut, quod Ecclesiae tuae corporalibus proficit spatiis spiritualibus amplificetur augmentis.</p>	<p>MR 1975, 667 <i>Collecta</i> Deus, qui de vivis et electis lapidibus aeternum habitaculum tuae praeparas maiestati, multiplica in Ecclesia tua spiritum gratiae quem dedisti, ut fidelis tibi populus in caelestis aedificationem Ieru- salem semper accrescat.</p>
--	---

³⁴ Cf. *Supplementum anianense*, in *Le Sacramentaire Grégorien. Ses principales formes d'après les plus anciens manuscrits*, I, éd. J. Deshusses (=Spicilegium Friburgense 16), Fribourg Suisse 1979², 1262 [= *GrSp*, seguido do n.º da fórmula]; *Liber Sacramentorum Gellonensis*, éd. A. Dumas — J. Deshusses (=CCL 99), Thurnholtz 1981, 2483 [= *Gel*, seguido do n.º da fórmula]; *Le Sacramentaire gélasiens d'Angoulême*, éd. P. Cagin, Angoulême 1919, 2162 [= *Ang*, seguido do n.º da respectiva fórmula].

Note-se, antes de mais, que apenas o «incipit» das duas orações é o mesmo, sendo de nova composição a petição que o novo Missal consagra, inspirada, nomeadamente, no tema das leituras do Apocalipse que integram este Comum.

Atente-se, em segundo lugar, na mudança de função: de *Post-communio* a oração passa a *Collecta*. Aliás esta oração, na forma que o antigo Missal testemunha, já se documenta, com poucas variantes, no Suplemento ao Sacramentário Gregoriano e, com *incipit* igual mas diversa petição, no Sacramentário ambrosiano Bergomense, mas em ambos os casos com uma outra função litúrgica: oração «super populum»³⁵.

2. *Fontes ambrosianas: Post Communionem «in ipsa ecclesia...»*

Benedictionis tuae, quaesumus, Domine,
plebs tibi sacra fructus reportet et gaudium,
ut, quod in hujus festivitatis die corporali servitio exhibuit,
spiritualiter se retulisse cognoscat³⁶.

Esta oração é, de facto, uma *post-communio* ambrosiana sem paralelos nos livros litúrgicos romanos³⁷. Remontará mesmo, tal como o formulário do Bergomense a que pertence, ao século V³⁸. Contudo, pela sua estrutura literária e pelo seu estilo, não deixa de fazer lembrar as «Super populum» da antiga «escola» eucológica romana. A antinomia «corporali servitio» — «spiritualiter» atesta o uso litúrgico da fórmula numa celebração de Dedicção em que a Bênção incide sobre o Povo mais do que sobre os lugares e coisas, fazendo dele uma «plebs tibi sacra».

³⁵ Cf. *GrSp* 1265. Note-se que o compilador do *Supplementum Anianense* se serviu do repertório eucológico de sacramentários anteriores, nomeadamente dos *Gelasianos do séc. VIII*. O protótipo desta fórmula deve procurar-se nessas fontes: cf. *Gel* 2487 e *Ang* 2166. Esta oração conheceu também uma recensão ambrosiana [Cf. *Sacramentarium Bergomense*, ed. A. Paredi (=Monumenta Bergomensia 6), Bergamo 1962, 1231 = Berg] para cujo estudo cf. F. DELL'ORO, *La messa «In dedicatione ecclesiae» nei messali ambrosiani antichi*, in *Miscellanea liturgica G. Lercaro*, II, Roma, Paris-etc., 1967, 556-558.

³⁶ MR 1975, 666 s.

³⁷ Cf. *Berg* 1235; F. DELL'ORO, *Messa «In Dedicazione»*, 567 s.

³⁸ Cf. *Ibid.*, 563-567.

3. *Outras fontes «romanas»*a) *Colecta II «extra ipsam ecclesiam dedicatam»*

GrSp 1264

MR 1975, 667

Deus qui ecclesiam tuam spon-
sam vocare dignatus es
ut quae haberet gratiam per
fidei deuotionem,
haberet etiam ex nomine pieta-
tem, da ut omnis haec plebs
nomini tuo seruiens
huius uocabuli consortio digna
esse mereatur,
et ecclesia tua in templo cuius
anniuersarius dedicationis
dies celebratur
tibi collecta
te timeat, te diligat, te
sequatur.
Ut dum iugiter per uestigia
tua graditur,
ad caelestia promissa te ducente
peruenire mereatur.

Deus, qui populū tuum Eccle-
siam vocare dignatus es

da, ut plebs
in nomine tuo

congregata
te timeat, te diligat, te
sequatur
et
ad caelestia promissa, te ducente
perueniat.

Ainda que a fórmula mais breve de *Berg* 1240 possa ser origi-
nariamente ambrosiana³⁹, contudo foi a fórmula romano-franca
presente já nos Sacramentários Gelasianos do século VIII⁴⁰ que
mais influenciou a «nova» oração. De facto foram as partes «ambro-
sianas» — o *incipit* e a 1.^a petição — as mais alteradas, desapare-
cendo a temática típica da Igreja-Esposa e, ao contrário, foi a parte
final «romano-franca» a mais respeitada.

b) *Super oblata «extra ipsam ecclesiam dedicatam»*

Esta é também uma oração fundamentalmente nova. Contudo,
na sua parte final, integra elementos de um prefácio do Sacramen-
tário Gelasiano antigo:

³⁹ Cf. *Ibid.*, 585-587.

⁴⁰ Cf. *Gel* 2486; *Ang* 2165; etc.

GeV 706

MR 1975, 667

[Suscipe, quaesumus, Domine,
munus oblatum

... Effunde super hunc locum
graciam [sic] tuam
et omnibus in te sperantibus et poscentibus
auxilium tui munus ostende, concede,
ut hic et sacramentorum uirtus ut hic sacramentorum virtus
et uotorum et votorum
obteneatur effectus obteneatur effectus.

O novo «incipit», que não prima pela originalidade, limita-se
a exprimir o conteúdo comum das orações «super oblata» definindo,
assim, a nova posição e função ritual desta antiga fórmula eucológica.

4. *O Missal Parisiense de 1738*⁴¹

Um número não desprezível de orações do novo Missal tem a
sua fonte na produção eucológica francesa do século XVIII^{41 bis}.
Também neste Comum se documenta tal facto.

⁴¹ *Missale Parisiense Caroli Gaspar Guillelmi De Vintimille... du Luc, Parisiensis Archiepiscopi auctoritate editum*, Parisiis 1738 [=MP, seguida do n.º da página]. Para uma primeira e fundamental bibliografia cf. G. FONTAINE, *Présentation des Missels diocésains français du 17^e au 19^e siècle*, in *La Maison Dieu* [=LMD] n.º 141 (1980) 116-118. Posteriormente publicaram-se P. JOUNEL, *Les missels diocésains français du 18^e siècle*, in *LMD* n.º 141 (1980) 91-96; ID., *Les sources liturgiques anciennes et les Missels français du XVIII^e siècle*, in *Notitiae* 17 (1981) 122-137; F. BROVELLI, *Per uno studio dei Messali francesi del XVIII secolo. Saggi di analisi*, in *EL* 96 (1982) 279-406; 97 (1983) 482-549; o 2.º destes «ensaio» estuda o santoral do MP [96 (1982) 346-406]. Foi notável a projecção que este MP obteve, quase se transformando em Missal Nacional. Segundo o inimigo mais irreductível e principal promotor da extinção destas liturgias particulares, mais de 50 dioceses de França o adoptaram no decorrer dos sécs. XVIII-XIX: P. GUERANGER, *Institutions liturgiques*, II, Le Mans-Paris 1841, 583.

^{41 bis} Cf. A. DUMAS, *Les sources du nouveau Missel Romain*, in *Notitiae* 7 (1971) 37-42, 74-77, 94 s. 134-136, 276-280, 409 s.; P. JOUNEL, *Les sources françaises du Missel de Paul VI*, in *QL* 52 (1971) 305-315. Para uma bibliografia sobre a produção litúrgica francesa deste período, cf., para além dos trabalhos referidos na nota anterior, H. LECLERQ, *Liturgies néogallicanes*, in *DACL* IX/2 (Paris 1930) 1636-1729. G. FONTAINE *Présentation*, 97-166 inventaria e dá a bibliografia de base de 82 missais editados em França entre 1680 e 1845.

a) *Prefácio «extra ipsam ecclesiam dedicatam»*

MP, 287

MR 1975, 668

Qui hanc orationis domum quam aedificamus, bonorum omnium largitor inhabitas; & Ecclesiam... incessabili operatione sancti- ficas. Haec est enim... templum habitationis gloriae tuae sedes incommutabilis veritatis sanctuarium aeternae carita- tis... ... vere domus orationis visibilibus aedificiis adumbrata... Haec est dilecta & unica sponsa quam acquisivit Christus san- guine suo quam vivificat spiritu suo: cujus in sinu, renati per gratiam tuam lacte verbi pascimur, pane vitae roboramur misericordiae tuae subsidiis confovemur. Haec fideliter in terris, sponso adjuvante, militat, & perenniter in coelis, ipso coronante, triumphat.	Qui domum orationis munificus inhabitare dignaris ut gratia tua perpetuis fovente subsidiis, templum Spiritus Sancti ipse nos perficias acceptabilis vitae splendore coruscans Sed et visibilibus aedificiis adumbratam, Christi sponsam Ecclesiam perenni operatione sanctificas, ut, innumerabili prole mater exultans in gloriam tuam collocetur in coelis.
--	---

As diferenças entre os dois textos são deveras notáveis, não surpreendendo que Jounel, não tendo encontrado no actual Missal o belo prefácio parisiense pudesse lamentar «que já não se diga o Prefácio da dedicação [do MP]... que não carecia nem de inspiração

nem de teologia»⁴². Dumas, por sua vez, considera o texto actual como novo, e indica como fonte inspiradora o Próprio de França^{42 bis} que em 1962 adoptara o Prefácio do MP. De facto, a uma visão sinóptica atenta dos dois textos não escapa a dependência do novo em relação ao antigo, tanto ao nível da inspiração como também ao da própria redacção verbal. Trata-se de um significativo exemplo do modo como pelos actores da Reforma litúrgica se recorreu ao património eucológico tradicional.

b) *Super oblata «in ipsa» e Post Communionem «extra ipsam ecclesiam dedicatam»*⁴³

Ainda que D. Sartore atribua estas orações à mesma fonte que o Prefácio acabado de apresentar⁴⁴, contudo, percorrendo atentamente a *editio princeps* do MP, não me foi possível confirmar tal proposta.

5. *Orações de «nova» composição*

As aspas justificam-se porque também em muitas das orações que até aqui se apresentaram a novidade — estrutural, temática e literária — não falta. Acrescente-se que tampouco nas fórmulas deste grupo (como, aliás, em toda a Eucologia em geral) há novidades absolutas.

a) *Prefácio «in ipsa ecclesia dedicata»*⁴⁵

A. Dumas apresenta diversas fontes de inspiração — bíblicas e patrísticas — para este novo prefácio⁴⁶. Contudo é na eclesiologia

⁴² P. JOUNEL, *Les sources françaises...*, 310. Sobre o sucesso deste Prefácio do MP e o seu conteúdo, cf. P. JOUNEL, *Le nouveau Propre de France*, in *LMD* n.º 72 (1962) 154-165; J. POILLY, *Les préfaces parisiennes. La préface de S. Jean Baptiste*, in *EL* 77 (1963) 101-108.

^{42 bis} Cf. A. DUMAS, *Les Préfaces du nouveau Missal*, in *EL* 85 (1971) 26, n.º 52.

⁴³ MR 1975, 665. 668 s.

⁴⁴ Cf. D. SARTORE, *L'Eucaristia nella dedicazione di una chiesa e di un altare*, in *Il Messale Romano del Vaticano II*, II (=Quaderni di RL/N.S. 7), Leumann (Torino), 1981, 293. 295 s.

⁴⁵ Cf. MR 1975, 666.

⁴⁶ Cf. A. DUMAS, *Préfaces*, 25, n.º 51.

da Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* que parece residir a sua imediata fonte de inspiração ⁴⁷.

b) *Bênção solene «in ipsa ecclesia dedicata»* ⁴⁸

Proposta «ad libitum» é, com uma adaptação circunstancial da 1.ª invocação, a fórmula já proposta para a missa ritual ⁴⁹. Ainda que substancialmente nova, são facilmente reconhecíveis elementos e expressões correntes na eucologia romano-franca ⁵⁰.

Conclusão

Da análise rápida das fontes eucológicas do novo Comum a que se acaba de proceder resulta que este se caracteriza simultaneamente pela tradição e pela criatividade: procurou-se salvaguardar o património eucológico tradicional no que este tinha de válido, valorizando-se, particularmente, as tradições romano-franca, ambrosiana e francesa; também se fez obra original (não criação «ex nihilo») quer introduzindo novos elementos nas fórmulas antigas, quer compondo textos novos, quer, sobretudo, enquadrando o todo numa nova teologia e imbuindo este comum da nova sensibilidade litúrgico-ecclesiológica que o Segundo Concílio do Vaticano fez emergir e consagrou.

B/ Teologia

Não me deterei na análise detalhada de cada uma das fórmulas, trabalho que, em parte, já foi feito ⁵¹. Por razões de espaço limitar-me-ei a evidenciar alguns temas dominantes e a explicar o seu conteúdo doutrinal.

1. Templo

Se no final da análise do leccionário se concluiu que teologia bíblica deste comum excluía a concepção «templar» do edifício-igreja

⁴⁷ Cf., sobretudo, *Lumen Gentium*, 1. 6 §4. 7 §5. 8 §4. 9 §3.

⁴⁸ Cf. *MR* 1975, 667 e 505.

⁴⁹ Cf. *MR* 1975, 778-779; *ODEA* II 84, pp. 58-59.

⁵⁰ Cf., v. g., para a 2.ª invocação o *PRsXII*, XVII 79, in M. ANDRIEU, *Le Pontifical Romain au Moyen Age*, I (=Studi e Testi 86), Città del Vaticano, 1972, 194.

⁵¹ Para isso cf. D. SARTORE, *Eucaristia nella dedicazione*, 287-299.

deve, contudo, notar-se que na eucologia se emprega uma vez a palavra «templo» para designar o edifício do culto ⁵². Trata-se, porém, de uma oração do anterior Missal, alheia, portanto, à nova mentalidade bíblico-litúrgica. Num outro texto — e este de nova composição ⁵³ — parece, à primeira vista, reincidir-se na mesma terminologia. Mas, na minha opinião, «templum gloriae tuae» no «protocolo» conclusivo do prefácio «in ipsa ecclesia dedicata» designa não o edifício em que a assembleia celebrante se encontra mas o templo escatológico onde os seres angélicos — aos quais a assembleia eclesial se associa — continuam a ininterrupta aclamação dos Querubins da teofania de Is. 6, 1-4 e dos quatro «seres vivos» da visão de Ap 4, 8. A pontuação deixa margem para uma certa ambiguidade mas não é, certamente, por mero acaso que na *editio typica altera* este prefácio traz o título significativo: «*De mysterio templi Dei, quod est Ecclesia*» ⁵⁴. O «templum gloriae tuae» será, pois, a escatológica «habitatatio gloriae tuae», de que fala outra oração ⁵⁵, onde a Igreja peregrina neste mundo deseja entrar plena e definitivamente.

Sendo assim, este texto de nova composição não se afasta do critério que se pode documentar em todo o novo *ODEA* ⁵⁶ que evita a designação de «templo» quando fala da igreja-edifício para a reservar ao mistério da Igreja em Cristo. No prefácio em causa aparece claramente — desde o título que já se referiu — que o «mistério do Templo», isto é, o mistério da íntima comunhão de Deus com os homens, se realiza na Igreja-Família de Deus e Corpo de Cristo:

«Quia in domo visibili quam nobis extruere concessisti ubi familiae in hoc loco ad te peregrinanti favere non des n s, mysterium tuae nobiscum communionis mire figuras et operaris:

⁵² Cf. *MR* 1975, 665 (Collecta): «Deus, qui nobis... huius sancti templi tui consecrationis reparas diem».

⁵³ Cf. *MR* 1975, 666 (protocolo conclusivo do Prefácio): «Et ideo, ..., in templo gloriae tuae te collaudamus».

⁵⁴ *MR* 1975, 666; na Missa ritual (*ibid.*, 776; cf. *ODEA* III 35, p. 78) o título deste mesmo prefácio é diverso, mas igualmente significativo: «*De Ecclesia terrestri ad Ecclesiam Dei*». É também sugestivo o título anteposto ao prefácio a usar «extra ipsam ecclesiam dedicatam»: «*De mysterio Ecclesiae, quae est sponsa Christi templumque Spiritus*» (*MR* 1975, 668).

⁵⁵ Cf. *MR* 1975, 668-669: Post-communionem.

⁵⁶ Cf. I. M. CALABUIG, *Il segno teologico*, 56 s, n. 41 e 42.

*hic enim tibi templum illud quod nos sumus aedificas
et Ecclesiam per orbem diffusam
in dominici compagem corporis facis augeri
in pacis visione complendam, caelesti civitate Ierusalem»*⁵⁷.

O edifício (= «domus visibilis») não é o templo mas, re-presentando-se e actuando-se nele o mistério da comunhão do homem com Deus, nele Deus edifica o verdadeiro Templo que é a Igreja, construído «com pedras vivas e escolhidas»⁵⁸. No edifício visível renova-se e reproporciona-se a realidade da antiga «tenda do encontro» ou da «reunião» (cf. Ex 33, 7; 39, 40; 40, 2.6.7; etc.) de um povo peregrino (= «familia ad te peregrinans»).

Não me alongarei mais na exposição desta riquíssima teologia que a análise eucológica das fórmulas em que o termo «templo» é empregue (mas não só) faz emergir. Vale a pena, contudo, prolongar a análise no sentido de ver se e como a velha temática do templo-edifício sobrevive no novo Comum, não obstante a decantada terminologia. E, de facto, há que constatar a sua presença, sempre mediada por textos antigos. É o caso da *super oblata* «in ipsa ecclesia dedicata»:

«Memores diei quo domum tuam, Domine,
gloria dignatus es ac sanctitate replere,
nosmetipsos, quaesumus, fac hostias tibi semper acceptas»⁵⁹.

Embora corrigida e mitigada pela adopção de categorias que já no AT tinham a função de salvaguardar a transcendência de Deus — glória⁶⁰ e santidade⁶¹ — esta breve oração consagra na sua «premissa» circunstancial uma teologia «templar» predominantemente veterotestamentária (cf. 1 Re 8, 10-16...). Também o prefácio «extra ipsam ecclesiam dedicatam» confessa que Deus se digna habitar na «casa de oração»⁶².

⁵⁷ Cf. MR 1975, 666. Atente-se na importante função sintática de *enim* que unifica as duas partes do corpo do prefácio. Os sublinhados são meus.

⁵⁸ MR 1975, 667: Collecta.

⁵⁹ MR 1975, 665.

⁶⁰ D. MOLLAT, *Gloire*, in X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulaire de Théologie biblique*, Paris 1974³, 505-507.

⁶¹ Cf. J. DE VAULX, *Saint*, in *ibid.*, 1178-1181.

⁶² Cf. MR 1975, 668.

Convém, no entanto, notar que na eucologia deste Comum se diz predominantemente que Deus habita nos fiéis — «vivi et electis lapidibus» com as quais prepara para Si «aeternum habitaculum»⁶³ — sendo a comunidade um «habitaculum Spiritus sancti»⁶⁴. A comunidade eclesial, verdadeira habitação de Deus, por sua vez aspira a habitar definitivamente com o seu Senhor na escatológica habitação da Sua glória⁶⁵.

Em coerência com esta teologia dominante (mas não exclusiva) não admira que o edifício-igreja seja preferencialmente designado pelo substantivo comum «domus» (com ou sem determinativo e/ou qualificativo⁶⁶) ou referido por meio de advérbios e locuções adverbiais de lugar e adjectivos demonstrativos⁶⁷.

2. Igreja

Nos textos eucológicos — excluídos, portanto, os títulos e as rubricas — a palavra *Ecclesia* — aparece 5 vezes, o que não deixa de ser significativo em apenas dois formulários. Mas mais significativo que o número de vezes em que o termo aparece é o facto da realidade que ele designa estar sempre presente, evocada por múltiplas e ricas imagens e temas bíblicos⁶⁸:

- A Igreja é «Povo de Deus» e «Plebs congregata»;
- A Igreja é Corpo de Cristo;
- A Igreja é Esposa de Cristo;
- A Igreja é Mãe feliz de inumerável prole;
- A Igreja é Família de Deus;
- A Igreja é Templo-Habitação de Deus e do Espírito;
- A Igreja é construção viva;

⁶³ Cf. MR 1975, 667, Collecta I. Deus é «haborator fidelium» (*Benedictiones in dedicatione ecclesiae*: MR 1975, 505).

⁶⁴ *Ibid.*

⁶⁵ Cf. *ibid.*, 668-669: Post-communionem.

⁶⁶ «Domus tua» (*ibid.*, 665), «domus visibilis» (*ibid.*, 666), «domus orationis» (*ibid.*, 668), etc.

⁶⁷ Cf. «in ipsa ecclesia dedicata»: collecta (huius...; hic), praefatio (hoc loco; hic); Benedictio (huius domus); «Extra ipsam ecclesiam dedicatam» cf. *Super oblata* (hic). A referência local é, compreensivelmente, bem mais intensa na Missa «in ipsa ecclesia dedicata».

⁶⁸ Cf. sobretudo (mas não só) os dois prefácios (*ibid.*, 666. 668).

A Igreja é /aspira à/tende a ser/caminha para/prefigura Jerusalém celeste⁶⁹.

A Igreja «per orbem diffusa»⁷⁰ se por um lado esboça a representação (*adumbrare*) da Jerusalém do Alto⁷¹, por outro é «esboçada» — representada («adumbrata») nos «edifícios visíveis»⁷², que são, pois, um «temporale signum»⁷³ em tensão não só «sinalética» mas também escatológica com a realidade «significada»: esta «res», porém, não se alcança sem a mediação, por vezes demasiado espessa, do «sacramentum». Contudo este «temporale signum» está já cheio de realidade, é «sacramentum et res»: a Eucologia mostra-nos a Igreja como mistério de comunhão e de graça, Corpo e Esposa de Cristo, Mãe exultante de muitos filhos, habitação de Deus com os homens.

A eclesiologia deste Comum supera os limites das categorias estáticas e essencialistas: a Igreja é objecto da perene — sempre presente e renovada — actuação salvífica de Deus⁷⁴, é construção em acto operada pelo Arquitecto e Construtor divino⁷⁵, é espaço onde Este multiplica e faz frutificar o Seu dom espiritual de graça.

A Igreja é pois, em calcedónica tensão, realidade escatológica⁷⁶ e espiritual — mística — por um lado, e realidade deste mundo, sinal temporal, espalhada pelo orbe e representada em edifícios materiais, por outro. O Mistério litúrgico actuado no «hic» espacial repetidamente evocado (e constantemente sugerido pelo simples facto ritual de se tratar da celebração aniversária de uma Dedicção) permite a mediação e integração na unidade desta dupla polaridade que a eucologia abraça e harmoniza.

Surge, assim, como importante teologicamente (e não apenas como inevitável pragmaticamente mas extrínseco e/ou irrelevante)

⁶⁹ Assim, mais uma vez, se respeita a opção já referida da Constituição dogmática *Lumen Gentium* (cf. supra, n. 23).

⁷⁰ *MR* 1975, 666: Praefatio.

⁷¹ Cf. *ibid.*, 668 s: Post-communionem.

⁷² *Ibid.*, 668: Praefatio.

⁷³ *Ibid.*, 668: Post-communionem.

⁷⁴ Cf. *ibid.*, 668 (praefatio): «Christi sponsam Ecclesiam perenni operatione sanctificas».

⁷⁵ Cf. *ibid.*, 667: collecta I.

⁷⁶ A perspectiva escatológica está constantemente presente graças ao uso frequente do tema da Jerusalém celeste, ao uso de expressões dinâmicas como «família peregrinante», «crescere», e ainda a referências directas como «caelum», «habitatío gloriae [Dei]», etc.

o tema da localidade. A Igreja para o ser tem de ser «plebs congregata» num «hic»⁷⁷. Mas é pelo Mistério da Liturgia «ai» actuado que a Igreja ultrapassa o estatuto de qualquer outro grupo humano e sociológico para se tornar realidade de fé, espacial e universal, histórica e transhistórica, reunida e enviada. Há um «hic» ubi «sacramentorum virtus et votorum obtineatur effectus»⁷⁸, onde se actua «semper purum servitium [Deo] et nobis plena redemptio»⁷⁹, onde o sinal que a Igreja é se abraça e une com a realidade para que tende e que é chamada a ser, pois pela participação nos sacramentos da Salvação se edifica o Templo verdadeiro e, paradoxalmente, este se prepara para entrar na habitação da glória⁸⁰. É então que o Povo de Deus faz juz ao significativo nome de «Igreja», «plebs in nomine [Dei] congregata» que aspira, «D[eo] ducente», «ad caelestia promissa»⁸¹.

Conclusão

1: Não obstante se constate a sobrevivência da teologia «templar» veterotestamentária na compreensão do edifício-igreja, contudo a tendência é, claramente, para a sua superação. Como consequência da composição destes formulários novos a partir do repertório antigo e de proveniência diversa, é compreensível que o compro-

⁷⁷ Para precisar e esclarecer ulteriormente qual o conteúdo desta 'eclesiologia litúrgica', cf. S. MARSILI, *La Chiesa locale comunità di culto. Teologia e diritto liturgico*, in *RL* 59 (1972) 29-53; ID., *Liturgia momento della storia*, passim (sobretudo 109-122); C. ANDRONIKOF, *Assemblée et Corps du Christ: identité ou différence*, in *L'Assemblée liturgique et les différents rôles dans l'Assemblée. Conférences Saint-Serge, XXIII^e semaine d'études liturgiques Paris 1976* (=Bibliotheca «EL» / «Subsidia» 9), Roma, Ed. Liturgiche, 1977, 25-41.

⁷⁸ *MR* 1975, 667: Super oblata.

⁷⁹ *Ibid.*, 665: Collecta. Trata-se de um inciso de nova composição enxertado numa fórmula antiga. Contudo inspira-se numa temática presente na Eucologia clássica de Roma e usada como «autoridade» no cap. I da Constituição conciliar sobre Liturgia *Sacrossanctum Concilium* (cf. J. PINNEL, *I testi liturgici voci di autorità nella costituzione «Sacrossanctum Concilium»*, in *Notitiae* 15 (1979) 106-108.

⁸⁰ Cf. *MR* 1975, 668 s: post-communionem.

⁸¹ *Ibid.*, 667: Collecta II. Note-se que este *incipit*, se bem que inspirado nas fontes em seu lugar referidas, é decisivamente novo: na antiga oração ambrosiano-romana Deus chamava à Igreja sua 'Esposa'; na nova dá ao seu Povo o significativo nome de 'Igreja'. Ainda que literária e poeticamente a nova recensão seja inferior ao texto original, contudo é teologicamente indicativa de uma eclesiologia que os estudos deste século amadureceram e que com o último Concílio foi oficialmente consagrada.

misso tenha acabado por se impor e que, assim, não se tenha alcançado a unidade e harmonia teológica completa. Mas é também óbvio que se há uma mentalidade teológica dominante essa é a que já encontramos na análise do leccionário. Através de incisos e correcções diversas, oportunamente introduzidos, bem como através da selecção operada nos reportórios clássicos, esta nova mentalidade, apoiada na eclesiologia do último Concílio, acabou por se impor.

2. A eucologia do Comum da Dedicção do novo *MR*, não obstante o compromisso já referido, encerra de facto uma nova compreensão teológica do edifício-igreja, cuja base não é já uma concepção sacralizante ontológica-espacial, mas uma concepção sacramental e eclesiológica. A «santidade» da igreja-edifício é reflexo e sinal da santidade da Igreja Santa que o habita e nele actua as máximas formas de presença — nos seus «mistérios» — do Deus Santo revelado em Jesus Cristo. Não existe, pois uma sacralidade objectiva das coisas, mais ou menos dualista. A teologia do edifício do culto é também relativa à nova autocompreensão teológica da Liturgia, bem patente na eucologia deste Comum ⁸².

3. Finalmente, a eucologia deste Comum encerra e desenvolve uma rica eclesiologia bíblica e patrística quanto à inspiração e em que é dado lugar relevante às categorias de sacramentalidade e de historicidade: aquela permite resolver harmonicamente a tensão entre a visibilidade da Igreja e o seu ser mistério de comunhão; esta unifica e integra a temporalidade e, ao mesmo tempo, a orientação escatológica.

É também de sublinhar a valorização da componente local desta eclesiologia ⁸³. De facto a «localidade» da Igreja é, por um lado, qualitativamente realçada como realização intensiva e epifania do mistério da Igreja e, por outro, sacramentalmente transfigurada e transcendida — aberta — quer na dimensão do espaço (universalidade...), quer do tempo (apostolicidade e escatologia).

⁸² Cf. *MR* 1975, 665 (Collecta e Super oblata), 666 s (Post-communionem), 667 (Collecta II e Super oblata) e 668 s (Post-communionem): são esses os principais lugares onde aflora uma teologia da Liturgia.

⁸³ Cf. esta eclesiologia com a admirável síntese de CONCILIIUM VATICANUM II, Const. dogm. de Ecclesia *Lumen Gentium*, 26 § 1.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

1. A celebração anualmente repetida do aniversário da dedicação de uma igreja tornou-se, graças ao novo Comum do *MR*, uma válida e rica expressão e instrumento de aprofundamento da autoconsciência que a Igreja tem do seu mistério e do modo como entende, vive e habita os seus edifícios com a Liturgia — «fons et culmen» da sua vida — que neles celebra. Sem repetir aqui as conclusões parciais, parece-me que uma pastoral litúrgica consciente e atenta não pode deixar de valorizar estas celebrações como ocasião privilegiada para reavivar nas diversas Igrejas locais e em cada comunidade eclesial a consciência renovada do seu ser e da sua missão. Tantas vezes os pastores dão tratos à imaginação para encontrar um motivo ou pretexto, ao mesmo tempo concreto e estimulante, para mobilizar as comunidades que dirigem em ordem à compreensão, vivência e celebração do mistério da Igreja que nelas se realiza! Contudo os mesmos pastores desconhecem normalmente as riquezas desta proposta pastoral do *MR* e, mais ainda, quase sempre omitem a celebração anual comemorativa da dedicação da própria igreja. Ora, «a comemoração anual da dedicação da igreja celebra o mistério da Igreja viva, Povo de Deus peregrino a caminho da nova Jerusalém» ⁸⁴.

2. A sábia e criteriosa utilização pastoral deste Comum pode e deve transformar-se num validíssimo instrumento ao serviço da «recepção» do magistério extraordinário proposto pelo II Concílio do Vaticano para a Igreja do nosso tempo. Sem essa (recepção) esse notabilíssimo magistério, nomeadamente em matéria eclesiológica, acabará por perder toda a relevância histórica. Ora, sendo ele veiculado nesta proposta celebrativa global da Liturgia renovada, seria grave omissão não a actuar. Com efeito a Liturgia é dotada de virtualidades pedagógicas inigualáveis em ordem à transmissão e assimilação gradual e vital das realidades celebradas pelo que, sem manipulações nem instrumentalizações indevidas, há-de ser posta ao serviço da transformação das mentalidades.

⁸⁴ *Documentorum explanatio. De celebratione annuali dedicationis ecclesiae*, in *Notitiae* 8 (1972) 103: «Dedicationis ecclesiae annualis commemoratio mysterium celebrat viventis Ecclesiae, videlicet populi Dei, qui ad Ierusalem novam peregrinatur».

3. São múltiplas e profundas as conexões que vigoram entre a Liturgia e a Eclesiologia⁸⁵. Se em todas as celebrações litúrgicas se verifica sempre uma acção e epifania da Igreja⁸⁶, contudo na soleníssima e extraordinária celebração da Dedicção isso acontece de modo eminente. Já alguém afirmou que o *ODEA* de 1977 ocupa no quadro dos novos livros litúrgicos um lugar correspondente ao que a Constituição dogmática *Lumen Gentium* detém no conjunto do Magistério do último Concílio:

«Assim como a *Lumen Gentium* é um documento-síntese de múltiplos aspectos do mistério da Igreja, assim o *Ordo dedicationis* é um rito-síntese dos múltiplos temas culturais das assembleias eclesiais»⁸⁷.

Deverá tanta riqueza ficar confinada ao momento celebrativo excepcionalíssimo da Dedicção privando-se, assim, gerações sucessivas de fiéis do seu benefício? O Comum da Dedicção do novo Missal, a utilizar nas comemorações anuais da Dedicção, fazendo referência ao momento significativo da celebração ritual, projecta a sua luz de forma iterada e estável permitindo a sua assimilação orgânica. Sendo assim, não é apenas para a hermenêutica teológico-litúrgica do Comum que se impõe a referência ao Ritual: tal referência é também indispensável para a sua correcta utilização pastoral. De facto, a comemoração anual da Dedicção repropõe comunitariamente a vocação permanente da Igreja e de cada crente a ser «Templo» e a ser «Altar», conteúdo doutrinal e pastoral decisivo do novo *ODEA*. «O retorno periódico a esta visão comunitária deve-

ria ser sentido como uma exigência — e mesmo como uma ajuda —»⁸⁸. À luz do *ODEA*, a programação da celebração anual comemorativa da Dedicção deveria ser tal que, na expressão de S. Marsili, «chamasse a atenção da comunidade para o sentido fundamental que se pode formular nestes termos: até que ponto a igreja e o altar são para nós símbolos da realidade que à nossa comunidade é imposta, em virtude dos sacramentos da iniciação (Baptismo, Confirmação, Eucaristia), pela nossa vocação a ser Igreja-Corpo de Cristo?»⁸⁹

JOÃO DA SILVA PEIXOTO

⁸⁵ Diversos convénios e Semanas de estudos têm, nos últimos anos, aprofundado esta temática; cf., v. g., *Liturgie de l'Église particulière et liturgie de l'Église universelle. Conférences Saint-Serge XXII^e Semaine d'études liturgiques Paris 1975* (=Bibliotheca «EL» / «Subsidia» 7), Roma, Ed. Liturgiche, 1976; *L'Assemblée liturgique et les différents rôles dans l'assemblée, Conférences Saint-Serge XXIII^e Semaine d'études liturgiques Paris 1976* (=Bibliotheca «EL» / «Subsidia» 9), Roma, Ed. Liturgiche, 1977; *L'Église dans la liturgie. Conférences Saint-Serge XXVI^e Semaine d'études liturgiques Paris 1979* (=Bibliotheca «EL» / «Subsidia» 18), Roma, C.L.V.-Ed. Liturgiche, 1980; *Ecclesiologia e Liturgia. Atti della X Settimana di studio dell' A.P. L. Bologna 1981* (=Studi di Liturgia — N. S. 10), Casale Monferrato, Marietti, 1982.

⁸⁶ Cf. CONCILIIUM VATICANUM II, Const. de Sacra Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, 2. 26; ID., Const. dogm. de Ecclesia *Lumen Gentium*, 26 §1.

⁸⁷ I. M. CALABUIG, *Un rito per una Chiesa che vive*, in *Rivista di Pastorale Liturgica* 16 (1978) n.º 3, p. 41.

⁸⁸ S. MARSILI, *Dedicazione senza consacrazione*, 600;

⁸⁹ *Ibid.*, 601.